



VI Colóquio Internacional  
“A educação pelas imagens e suas geográfias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

## GAIA-GRAFIA DAS IMAGENS: PENSAR COM UMA *ARTEMOSFERA ENTRE* FLUXOS E RESPIROS

Karolyne de Souza

FE-Labjor-Unicamp

k219581@dac.unicamp.br

Larissa Bellini

IB-Labjor-Unicamp

larissa.sbellini@gmail.com

Susana Dias

Labjor-Unicamp

susana@unicamp.br

### Resumo

Neste trabalho desejamos pensar nas potências educacionais das imagens diante do Antropoceno (LATOUR, 2014, 2020; HARAWAY, 2016). Para isso, buscaremos aprender como tornar a atmosfera nossa parceira de pesquisa através de uma gaia-grafia (LATOUR, 2014) das imagens que permita extrair as consequências de uma política da Terra e dos terranos (LATOUR, 2014). A atmosfera nos parece ser um intercessor fundamental diante dos problemas ligados ao ar que se tornam cada vez mais preocupantes, seja por conta das mudanças climáticas ou das doenças como a Covid-19. Nossos encontros com a atmosfera, que se deram na relação com materiais advindos das artes, filosofias e educação, nos propõem pensar em uma *artemosfera* no deslocamento das imagens-denúncias para as imagens-fluxos e imagens-respiros. As imagens-denúncias foram pensadas inspiradas em Latour (2014), são as imagens que falharam em convencer e conscientizar as pessoas. As imagens-fluxos nascem das relações entre os trabalhos da artista visual Valéria Scornaienchi (2021) e do filósofo Emanuele Coccia (2018). Já as imagens-respiros brotam dos trabalhos da dançarina Hellen Audrey (2021) e do filósofo e crítico de arte Marcio Doctors (2012). Estes dois últimos tipos de imagens nos parecem mais selvagens (OLIVEIRA JR., 2020), são imagens que se aliam à vida, propõem uma experiência antes da separação entre organismo e meio (SCORNAIENCHI, 2021; AUDREY, 2021; COCCIA, 2021), propõem um engajamento que se daria além de um mero mostrar o que acontece, dar a saber, tomar conhecimento (LATOUR, 2014) e permitem experimentar uma diferença entre conhecer e produzir novos conhecimentos (DOCTORS, 2012).

**Palavras Chave:** Antropoceno; Gaia; atmosfera; imagem; artes.

### Introdução



VI Colóquio Internacional  
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

Como dar atenção à atmosfera? O quê a atmosfera nos mobiliza a pensar? Quais os chamados que a atmosfera coloca para a criação com imagens? Propomos neste trabalho dar consistência a essas perguntas e aprender a dar atenção à atmosfera. Questões que surgem de nossos estudos em torno a estes tempos que têm sido denominados de Antropoceno (LATOURE, 2014, 2020; HARAWAY, 2016), entre outros modos de nomear. Tempos marcados por uma intensa poluição do ar, pelo espalhamento de doenças e por mudanças climáticas; hiperproblemas que são intimamente associados às atividades humanas, ao modo como os humanos se relacionam com os não-humanos e aos funcionamentos dominantes das imagens. O ar nos convoca a pensar não em termos de uma “bifurcação da natureza” (LATOURE, 2014) - uma separação entre humanidade e natureza como abordada por Whitehead -, mas em termos de interpenetrações, de conexões, de relações. Dar atenção à atmosfera é pensar que “Nenhuma espécie, nem mesmo a nossa própria – essa espécie arrogante que finge ser constituída de bons indivíduos nos chamados roteiros Ocidentais modernos – age sozinha; arranjos de espécies orgânicas e de atores abióticos fazem história, tanto evolucionária como de outros tipos também”, como lembra Donna Haraway (2016).

Latour, em seus estudos sobre a modernidade e o Antropoceno, situa o problema em termos de uma guerra dos mundos. Em seu artigo “Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno” (2014) aborda a disputa entre dois povos: os Humanos e os Terranos. Os Humanos são aqueles que vivem no Holoceno, não levam a sério os problemas climáticos que enfrentamos, apostam numa vida fora da Terra e, dessa forma, intensificam processos destrutivos. Já os Terranos são aqueles que percebem a existência da catástrofe climática de nosso tempo, percebem que não há como escapar à Terra; vivem, portanto, no tempo Antropoceno. Dessa forma, como define o filósofo, “O que pode ter sido bom para os Humanos, perdeu todo o sentido para os Terranos.”

A partir disso, Latour nos leva a pensar e a agir no que ele chama de Gaia-grafia, convocando a necessidade de uma descrição de quais serão as linhas de frente que serão defendidas: Que Terra queremos? Com que seres bióticos e abióticos estabeleceremos parcerias para pensar e viver? Que tipo de solo, paisagem, indústria, comércio defenderemos? Pensar com Latour uma Gaia-grafia das imagens é defender modos de existir das imagens que permitam extrair delas consequências afirmativas de uma política da Terra e dos terranos. Tal defesa não pode se resumir a uma aposta em imagens-denúncias: imagens humanas demais que falharam em convencer e conscientizar as pessoas; imagens que se interessam por uma Ciência (com “C” maiúsculo e no singular); que propagam uma ciência separada da política e que enaltecem uma pedagogia também desconectada da política; e que terminam por reforçar o negacionismo que buscavam combater.

Nos últimos 20 anos cientistas brasileiros e estrangeiros reunidos em grande redes - como o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) Mudanças Climáticas - Fase 2, do qual fazemos parte - têm se dedicado a pesquisar as mudanças atmosféricas e lançam anualmente relatórios com resultados de suas pesquisas. Tais resultados chegam às mídias frequentemente através de imagens-denúncias: predominam fotografias de chaminés de fábricas, descargas de carros e ônibus, ursos agarrados em blocos de gelo, céus assustadores com grandes tempestades, cenas de queimadas e desmatamentos, terras ressequidas, gráficos



VI Colóquio Internacional  
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

com resultados de estudos científicos, diagramas didáticos, entre outros. Neste estudo [1] privilegiaremos imagens de outra natureza, que circulam de modos menos massificados e que não parecem responder aos mesmos inter-esses. Trabalharemos com a produção de filósofos, artistas e educadores que têm se dedicado a pensar diretamente com a atmosfera (com o ar, o céu, nuvens, chuvas...) ou que dão a pensar no que chamaremos de afectos-atmosféricos (movimento, respiração, fluidez, invisível, infinito...). Estamos pensando esses afectos-atmosféricos com Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), ou seja, a noção de afecto está relacionada à pergunta: o que *pode* a atmosfera? Pressupomos que o trabalho com esses filósofos e artistas produzirá uma alteração em nossas percepções habituais e nos permitirá apreender, através de diferentes práticas, procedimentos e materiais, outras potências pedagógicas da atmosfera.

### Desenvolvimento

A atmosfera é composta por uma mistura de invisíveis que conectam todos os habitantes da terra. Fluida e amena, a atmosfera da Terra possibilita a existência da vida como a conhecemos. Ao pensar a atmosfera com as plantas, Emanuele Coccia fala dessas questões em seu livro *A vida das plantas, uma metafísica da mistura* (2018). Ele apresenta como a estrutura de circulação universal dada pela atmosfera é o ambiente que nos mistura com o mundo, “o lugar onde tudo vem ao contato de tudo, e se mistura sem perder sua forma e substância própria” (2018, p.31). Seu livro dá a pensar como, na atmosfera, as coisas têm mais espaço para movimento com liberdade, onde tudo é permeável dada a maior separação dos átomos, onde os diferentes se misturam, entrecruzam, sustentam-se entre si, conectam-se uns aos outros como numa dança de fluxos.

Valéria Scornaienchi, artista visual, mantém um projeto no Instagram - “O amanhecer” - com uma coleção de imagens fotográficas do céu feitas em diferentes horas do dia, em diferentes dias. A artista acompanha os céus desde 2017 e tem se encantado com as imagens do céu, as cores, os movimentos, os gestos das nuvens. Além das fotografias ela também disponibiliza algumas criações que mostram seu esforço em lidar com esse arquivo fotográfico. Daí nasceram, por exemplo: “Listas de amanheceres”, em que imprime algumas das fotos e as apresenta em montagens com títulos para cada amanhecer; “Estampas do céu”, em que cria padronagens fractais a partir de combinações de imagens e tem um livro em andamento; “A cor do céu”, onde apresenta as incríveis variações de cor do céu a partir de paletas de cores. Valéria menciona em uma entrevista, feita em abril de 2021, como a contemplação dos céus e o trabalho com os amanheceres têm transformado sua vida, efetuando, particularmente, um chamado a dar atenção às questões que envolvem a amplitude, o infinito, a diluição de fronteiras e os fluxos. O trabalho de Valéria dá a sentir o céu como uma multiplicidade em constante e infinito movimento de transmutação. O seu esforço é o de se inserir nesses fluxos, participar deles sem sair deles, sem interrompê-los. Na roda de conversa Sopros da Mata - que propusemos para Valéria Scornaienchi e Hellen Audrey em julho de 2021 como uma de das ações do grupo multiTÃO (CNPq) no projeto Arvorecer de casa em casa [2], do qual as artistas também participam - Valéria ressaltou como o problema é que “saímos do fluxo da Terra”, “em algum momentos os fluxos se romperam”, “depois dessa



VI Colóquio Internacional  
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

quebra a educação também não pôde mais se dar no fluxo”, “fora dos fluxos estamos em desconexão com Gaia”; e ela se interroga: “como parar de separar?”, “como podemos juntar?” (SOPROS, 2021).

Emanuele Coccia e Valéria Scornaienchi nos fazem pensar na potência das imagens-fluxos, imagens que não geram impotência, distanciamento e paralisia, não são imagens que convidam a um julgamento, a um contra-fluxo ou quebra de fluxos, não são imagens que efetuam uma separação entre sujeito e objeto, mas antes imagens que instigam coexistências e cocriações alegres, a um fazer junto responsável. Emanuele produz uma escrita filosófica que nos convida a recolocar as questões do mundo novamente junto com as plantas, já Valéria nos anima a perceber-fazer-nuvem, a aprender com as nuvens a seguir pensando e agindo em diferentes contextos e com diferentes materialidades. Ambos fazem existir a partir de suas práticas novas sensibilidades educacionais para a atmosfera, nos fazem pensar em imagens-fluxo que estimulam a “encontrar como respirar junto de novo”, como lembra Valéria Scornaienchi (SOPROS, 2021).

A dançarina Hellen Audrey produziu a série de vídeos “Cartas para o novo mundo” inspirada no livro *21 Lições para o século 21*, de Yuval Noah Harari. Na série ela nos comove para as sensibilidades das relações entre o corpo, a casa, as plantas e o tempo sentidas durante durante a quarentena devido à pandemia de Covid-19. A dançarina torna visível a dimensão do invisível do ar através do corpo, do movimento, da relação com a luz e as sombras. Na roda de conversa Sopros da Mata (2021), Hellen nos contou sobre como pensa que nossos corpos são compostos de relações, e como respirar é uma relação que se dá entre o espaço interno e o espaço externo a nós, onde experimentamos o meio. Meio este que entra em nós e nos dilata, nos dá uma ideia de volume interno, no qual podemos nos experimentar melhor por dentro nessa troca interna e externa que ocorre como uma dança, onde devolvemos da mesma maneira o ar para o meio, pois também somos natureza. Inspirando e expirando vida e natureza, interconectadas. Hellen também nos trás a ideia de que “o que sentimos com as imagens nos conecta com o meio de fora e com o meio de dentro” é um pulsar. Nessa ideia, ela questiona: “Qual ambiente quero me relacionar para que ele entre, me dilate e me transforme para que eu possa me devolver melhor para o mundo?”.

Marcio Doctors (2012) pensa a noção de respiração na relação com a curadoria artística que realiza na Casa Museu da Fundação Eva Klabin, que apresenta um acervo datado e fechado: mais de 2 mil itens que envolvem desde obras das civilizações egípcias, chinesa arcaica, greco-romana, passando por arte medieval, obras de arte-renascentista italiana, barroco até objetos de arte decorativa, distribuídos em uma casa que busca gerar um panorama da arte antiga e dos mestres da arte clássica, associando os principais momentos da história da arte a espaços da residência. Doctors interroga o espaço engessado e limitado que é criado para o visitante: “uma vez vista a coleção, não faz muito sentido voltar a vê-la”, porque a coleção se configura como “uma história fechada em si mesma”, que “pode gerar um espaço asfíxiante” (2012, p.37). Em busca de arejar o ambiente, insuflar um novo ar na coleção, capaz de fornecer o “oxigênio necessário para interessar os antigos frequentadores e atrair um novo público” (2012, p.37), Doctors convidou vários artistas - entre eles nos interessam particularmente Rosângela Rennó, Brígida Baltar, Marta Jourdan e Nuno Ramos - a intervir



VI Colóquio Internacional  
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

na Casa Museu, na coleção, de modo a alterar a percepção dos visitantes, gerando sensações de ver ou ouvir algo pela primeira vez, deslocando a percepção de um já visto para uma descoberta. “... a intenção do Respiração não é criar novas interpretações do espaço, como uma brincadeira de esconde-esconde, mas a de criar novas experiências no espaço” (2012, p.38). Respirar é experimentar, criar novos modos de existir para a casa e a coleção, escapando às manobras museológicas que congelam as obras de arte no tempo e as aprisionam em interpretações já dadas. Uma criação que é feita tanto pelos artistas convidados quanto pelo público visitante, que envolve a ativação das potências das virtualidades que pulsam em todas as coisas, o tornar visível esse “‘outro real’, camuflado por nossa desconfiança da invisibilidade” (DOCTORS, 2012, p.29).

A respiração é um convite à participação em sistemas altamente complexos (Inspiração, Expiração, Glicólise, Ciclo de Krebs, Cadeia Respiratória, Fosforilação Oxidativa...), que acontecem em diferentes escalas e que nos convocam a sentir a potência de um corpo de obter energia, seja este corpo uma célula, um organismo ou Gaia. As imagens-respiro complicam as imagens-fluxo, dão a ver os inúmeros processos envolvidos nos fluxos da vida: quebras, liberações, armazenamentos, transportes, adições, remoções, reduções, combinações etc.. São imagens que dizem de um corpo a corpo com uma Terra viva, animada, ativa e criativa, imagens que tornam visíveis modos de existir virtuais, que nos permitem acessar uma dimensão invisível da atmosfera através de inúmeros processos. As imagens-respiros de Hellen Audrey e dos artistas convidados por Marcio Doctors, diferente das imagens-denúncias, não são imagens que funcionam em uma lógica recognitiva, não oferecem um reconhecimento de uma Gaia preexistente, já dada e unificada, nos aproximando de uma percepção de uma Gaia fora da lei, profana, como experimentada por Latour (2020).

## Conclusão

As obras artísticas de Valéria Scornaienchi, de Hellen Audrey e dos artistas convidados por Marcio Doctors não parecem se situar no estado de guerra que marca o Antropoceno (LATOURE, 2014, 2020), suspendem os funcionamentos das imagens-denúncias e abrem novas possibilidades de refúgios: instauram uma *artemosfera*, nos fazendo pensar em imagens-fluxos e imagens-respiros. Essas são imagens que propõem uma experiência antes da separação entre organismo e meio (SCORNAIENCHI, 2021; AUDREY, 2021; COCCIA, 2018), propõem um engajamento que se daria além de um mero mostrar o que acontece, dar a saber, tomar conhecimento (LATOURE, 2014) e permitem experimentar uma diferença entre conhecer e produzir novos conhecimentos (DOCTORS, 2012). Fazem-nos pensar nas potências selvagens das imagens (OLIVEIRA JR., 2020), que não nos fazem encontrar com a atmosfera, com suas propriedades fixas, mas com seus devires, com aquilo que *pode* a atmosfera na educação não formal.

[1] Projeto “Novas sensibilidades diante das catástrofes socioambientais: criação de materiais de divulgação científica”, coord. Susana Dias, bolsistas Karolyne de Souza e Larissa Bellini (SAE-Unicamp).



VI Colóquio Internacional  
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

[2] O Arvorecer de casa em casa é um projeto que envolve a aldeia Awa Porungawa Dju e artistas e criadores e busca fazer nascer pelas vias digitais uma floresta de materiais, germinando novas percepções para os problemas ambientais. O projeto surgiu durante a pandemia e o grupo de pesquisa multiTÃO - coord. Susana Dias - atua como um dos guardiões e polinizadores do projeto. Ver: <https://arvorecercasa.wixsite.com/arvoreceremcasa>.

### Referências

- AUDREY, Hellen. Cartas para o novo mundo. **ClimaCom** – Coexistências e Cocriações [Online], Campinas, ano 8, n. 20. Abril. 2021. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/cartas/>. Acesso em: jul. de 2021.
- COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Trad. Fernando Scheibe - Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2018.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Suely Rolnik: ED34, vol. 4, 1997. (Coleção TRANS).
- DOCTORS, Marcio. **Projeto Respiração**. Rio de Janeiro: Cobogó: Fundação Eva Klabin, 2012.
- HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom** – Vulnerabilidade [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em: jul. de 2021.
- LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno**. Trad. Maryalua Meyer; Rev. André Magnelli; Orelha Stelio Marras. São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu Editora/ Ateliê de Humanidades Editorial, 2020.
- LATOUR, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. **Revista de Antropologia**, 57(1), pp. 11-31, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/87702> Acesso em: jul. de 2021.
- OLIVEIRA JR. Wenceslao Machado de. A floresta no cinema. **ClimaCom** – Florestas [Online], Campinas, ano 7, n. 17, jun. 2020. Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/floresta-no-ci...liveira-junior/> Acesso em: set. de 2021.
- SOPROS da Mata - roda de conversa "pensando com a atmosfera" com Hellen Audrey e Valéria Scornaienchi. Org. e entrevista: Susana Dias, Karolyne de Souza e Larissa Bellini. Campinas: Arvorecer de Casa em Casa: ClimaCom, 2021, 1:20 min.. Disponível em: <https://youtu.be/nohQW6FduT8>. Acesso em: jul. de 2021.
- SCORNAIENCHI, Valéria. **Valéria Scornaienchi**. Campinas: Instagram, 2021, perfil completo. Instagram: @valeriamenezes1970. Disponível em: <https://www.instagram.com/valeriamenezes1970/>. Acesso em: jul. de 2021.
- LIVE com Valéria e Silvia. **Silvia Ferreira Lima**. Instagram: @silviaferlima. Organização e mediação: Silvia Ferreira Lima. Campinas: Instagram, 2021, 1:29min. Disponível em: [https://www.instagram.com/tv/CNLp3h3nanY/?utm\\_medium=share\\_sheet](https://www.instagram.com/tv/CNLp3h3nanY/?utm_medium=share_sheet). Acesso em: jul. de 2021.